

## CINES FREIRE: compartilhando diálogos... utopias... esperanças

TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** A escrita deste trabalho traz um pouco da experiência que o Grupo de Estudos e Pesquisa *Dialogus*: educação, formação e humanização com Paulo Freire, coordenado pelo Prof. Dr. Celso Henz, da Universidade Federal de Santa Maria (CE/UFSM), têm vivenciado através da proposta dos Cines Freire. A ideia começou a ser implementada a partir do planejamento e organização das atividades do Pré-Fórum, momento, este, de preparação para a realização do XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, com o tema: “Educar com seriedade sim, mas com Alegria! As classes populares na escola pública”, que ocorreu nos dias 22 e 23 de maio de 2015. Os Cines Freire, como atividades do Pré-Fórum, ocorreram nos meses de março a maio de 2015, anterior a realização do Fórum. O Grupo *Dialogus*, ao avaliar positivamente a proposta dos Cines Freire, optou em dar continuidade a dinâmica dos encontros, utilizando-se dos filmes para fomentar o diálogo, a partir das experiências docentes e das obras de Paulo Freire. Assim, os filmes foram/são utilizados como dispositivos para refletirmos sobre a formação e a prática docente, por meio do diálogo, uma vez que nos possibilita a entrega ao enredo da história e, muitas vezes, a familiaridade ao que está sendo exibido; aos sons, cores, movimentos, imagens, que nos convidam a embarcar no envolvente ofício da docência, compartilhando nossos sonhos, utopias e esperanças, *encharcados* pela epistemologia de Paulo Freire, presente em suas obras.

**Palavras-chave:** Cine Freire, diálogo, formação de professores.

### Cine Freire apresenta....

Em uma belíssima noite de verão, durante o encontro do Grupo de Estudos e Pesquisa *Dialogus*: educação, formação e humanização com Paulo Freire<sup>2</sup>, enquanto o grupo se organizava na preparação para a realização do XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, muitas ideias iam se entrecruzando. Neste encontro, o grupo tinha a incumbência, dentre outras, de preparar os encontros “Pré-Fórum”, ou seja, momentos de estudo e aprofundamento de preparação para o Fórum, tanto na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), local onde foi sediado o evento, quanto nas demais instituições parceiras. Surge, assim, a ideia dos “Cines Freire” como dinamizadores dos nossos diálogos que iriam ocorrer durante a realização do Pré-Fórum.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação (PPGE/UFSM), orientanda do Prof. Dr. Celso Ilgo Henz e participante do Grupo de Estudos e Pesquisa *Dialogus*: educação, formação e humanização com Paulo Freire. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha. E-mail: [joze.toniolo@iffarroupilha.edu.br](mailto:joze.toniolo@iffarroupilha.edu.br)

<sup>2</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas registrado junto à base do CNPq desde 2011, coordenado pelo Prof. Dr. Celso Ilgo Henz, cujos encontros ocorrem quinzenalmente no Centro de Educação (CE), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS).

As atividades do Pré-Fórum foram implementadas a partir da proposta dos “Cines Freire”, tendo por objetivo sensibilizar os participantes a se inserirem na dinâmica do Fórum, que iria ocorrer nos dias 22 e 23 de maio de 2015, iniciando as reflexões voltadas à temática. O Grupo *Dialogus*, durante os encontros, elencou um rol de alguns filmes que poderiam contribuir para discussão da temática do Fórum: “Educar com seriedade sim, mas com Alegria! As classes populares na Escola Pública”, utilizando os filmes e alguns textos como dispositivos e motivadores para os diálogos. Os grupos das diferentes instituições promotoras e co-promotoras do evento também foram convidadas a discutir os mesmos (ou outros) filmes em suas instituições, buscando fomentar a sensibilização e a participação no Fórum.

Objetivando problematizar a educação e as classes populares na escola pública, a partir das dimensões da seriedade e da alegria, numa perspectiva freireana, é que durante os encontros do Pré-Fórum, ou melhor, dos “Cines Freire”, iniciamos as reflexões voltadas à temática utilizando três filmes como motivadores para fomentar os diálogos com os homens e mulheres que participaram dos encontros.

Escolhidos os filmes e agendadas as datas para a realização dos Cines Freire demos início aos encontros, que ocorreram mensalmente nas terças-feiras de cada mês, de março a maio de 2015, período de preparação para realização do Fórum que ocorreu em maio do corrente ano. Além dos filmes, a temática era discutida e problematizada, tendo como base teórica alguns capítulos das obras de Paulo Freire: “Professora sim, tia Não!” e “Pedagogia da Tolerância”.

O convite para participação nos encontros dos Cines Freire, bem como sua divulgação, foi extensivo aos acadêmicos(as) das licenciaturas, pesquisadores(as) e professores(as) com atuação nas escolas de educação básica, universidade e movimentos sociais, que garantiram em todos Cines Freire uma expressiva participação. Parte dos momentos de diálogos e discussões do grupo foi socializada no site do evento, através de fotos ou pequenos trechos, divulgando os momentos de trocas e saberes compartilhados durante os Cines Freire, a luz dos pressupostos teóricos da epistemologia de Paulo Freire.

### **Continuando os diálogos: o 1º Cine Freire**

Quem não gosta de assistir a um excelente filme, com ótimas companhias e saboreando uma deliciosa pipoca? Foi nesse clima de alegria, descontração e seriedade que iniciamos nosso 1º Cine Freire, no dia 17 de março de 2015, coordenado pelo grupo *Dialogus*, acolhendo e dialogando com mais de 40 pessoas que participaram deste encontro.

Iniciamos as reflexões voltadas à temática do Fórum, assistindo o filme “Além da sala de aula”, com direção de Jeff Bleckner (2011), como motivador para fomentar os diálogos. O filme é baseado em fatos reais e conta a história de uma professora em início de carreira. A professora acorda pela manhã e vai bastante empolgada para escola em seu primeiro dia de aula, no entanto, já na sua chegada, se depara com uma situação surpreendente: não existia uma sala de aula, mas um local sem nenhuma infraestrutura ou cuidado, onde crianças carentes eram “jogadas” naquele ambiente sem nenhuma atenção ou respeito; não havia uma direção e nem pessoas com quem pudesse contar e a família também não reconhecia o importante papel que a escola poderia desempenhar em suas vidas. A professora, então, volta para sua casa sentindo-se impotente e desmotivada, sem saber como intervir na realidade daquelas crianças nessas condições. Afinal,

Como ensinar e aprender com alegria numa escola cheia de poças d’água, com a fiação ameaçadoramente desnuda, com a fossa entupida? Os mecanismos burocráticos que aí estão, o sem-número de papéis, tomando conta um do outro, a morosidade com que andam de um setor a outro, tudo contribui para obstaculizar o trabalho sério que fazemos (FREIRE, 2014, p. 209)

Muito embora tudo estivesse contribuindo para *obstaculizar o trabalho sério* que a professora – personagem central do filme – pretendia realizar, sua primeira iniciativa foi transformar aquele ambiente desumanizador em um espaço digno, onde se ensina e se aprende, primeira e fundamentalmente, a *genteidade* (HENZ, 2003) de homens e mulheres.

Nesse contexto de medo e insegurança, a professora começa a superar os obstáculos no enfrentamento daquela realidade; mas também no enfrentamento de seus próprios medos, uma vez que “assumir o medo é não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de resposta. Assumir o medo é não escondê-lo, somente assim podemos vencê-lo.” (FREIRE, 2013, p. 160-161). A mesma professora que inicialmente se choca com aquela realidade, é a que irá provocar mudanças. Para isso, ela começa a sensibilizar os alunos, pais, comunidade e mesmo os órgãos gestores para que, juntos, pudessem transformar aquela realidade, tonando-se em um ambiente mais humanizador.

Foi nesse clima instigante e afetados por esse enredo que, após o filme, os participantes reuniram-se em círculos dialógicos, através da dinâmica das cores<sup>3</sup>, para dialogar e refletir sobre suas experiências educativas, a partir das inquietações provocadas

---

<sup>3</sup> Dinâmica na qual cada grupo se reúne de acordo com a cor do papel onde contém o fragmento da(s) obra(s) de Paulo Freire para discutir a respeito da temática, articulando ao filme.

pelo filme e dos pressupostos freireanos presentes nos fragmentos da 2ª Carta: “*Não deixe que seu medo do difícil paralise você*” do livro: “Professora sim, tia Não!” e do capítulo “Por uma Escola séria e alegre” do livro “Pedagogia da Tolerância”, ambos de autoria de Paulo Freire.

Durante as discussões no grupo, tanto nos círculos dialógicos como na plenária, ficou evidente o desafio que Freire nos provoca de mudar a “cara da escola”, a partir da escuta sensível e do diálogo problematizador, na luta por uma escola que seja competente, democrática, séria e alegre. Nesse clima inquietante e desafiador encerramos nossas atividades naquela noite, tendo a certeza de que a mudança é difícil, mas é possível.

### **Cine Freire – Parte 2: *Como estrelas na Terra...***

Balões... Cores... Experimentação... Foi nesse ambiente alegre e acolhedor que recebemos e fomos recebidos no segundo encontro do Cine Freire, no dia 14 de abril de 2015. O filme escolhido para este momento foi “Como estrelas na Terra: toda criança é especial”, filme indiano de direção de Aamir Khan (2007).

O filme conta a história de Ishaan, um menino de nove anos que cursa o 3º ano do ensino fundamental e apresenta um quadro de dislexia que não é identificado pelos pais e pela escola, persistindo esta dificuldade na sua vida escolar, o que repercute também na sua vida familiar e social. Por não ter a dificuldade diagnosticada, Ishaan é rotulado como um menino preguiçoso e pouco dedicado e, por esse motivo, é colocado pelos pais em uma escola de internato, mesmo contra sua vontade.

Nesse espaço escolar o menino continua sofrendo represálias, tanto dos colegas quanto de seus professores, até entrar na sua vida um professor substituto com metodologias inovadoras, com olhar atento e sensível aos seus alunos. Logo o professor percebe o motivo das dificuldades de Ishaan e inicia um trabalho mobilizador junto a família e a escola. As mudanças impulsionadas pelo professor acabam afetando, não apenas a vida do próprio menino com dislexia, como a vida de toda escola, passando a desenvolver um trabalho diferenciado em todo o contexto escolar, inclusive atuando junto a família de Ishaan na compreensão e orientação de como trabalhar com o menino, de modo a ajudá-lo a superar suas dificuldades.

Decorrente das reflexões despertadas a partir do filme percebe-se a importância e seriedade do trabalho docente junto aos seus alunos e a comunidade escolar, pois “a escola que o povo recebe é muito mais a escola que os professores organizam com sua maneira de

ser, de falar e de trabalhar, do que a escola criada pelos organismos ministeriais e pelos textos escolares” (NIDELCOFF, 2004, p. 19).

Uma das dinâmicas propostas no encontro foi a manifestação/participação dos licenciandos(as) e professores presentes, durante a visualização do filme, explicitando os sentimentos e sensações despertadas, através de desenhos em um painel, utilizando-se de tintas, pincéis e diferentes cores. Concluída a exibição, o grupo que estava presente passou a discutir as representações realizadas durante o filme, através dos desenhos no painel, utilizando-se também dos fragmentos retirados da 6ª Carta: “*Das virtudes ou qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas*” do livro: “Professora sim, tia Não!”. Assim, o filme constitui-se em um dispositivo para refletirmos sobre nossa própria prática docente, uma vez que nos possibilita a entrega ao enredo da história e, muitas vezes, a familiaridade ao que está sendo contado; aos sons, cores, movimentos, imagens, que nos convidam a embarcar no envolvente e desafiador ofício da docência. Fischer (2009) corrobora neste sentido, quando afirma:

Suponho que poderia fazer parte importante da formação docente a educação do olhar, a educação de sensibilidade, a educação ética, cuja fonte poderia ser, dentre tantos possíveis, alguns exercícios de imersão nas linguagens audiovisuais: exercícios de entrega aos sons, movimentos, diálogos e cores das imagens do cinema e da televisão; exercícios de entrega a narrativas que fogem aos esquemas convencionais das chamadas *estruturas de consolação*. Tais exercícios, a meu ver, poderiam comparar-se, com todas as salvaguardas necessárias, a uma espécie de práticas consigo mesmo, catapultadas pelo acesso a produções fílmicas ou televisivas que escapam aos padrões convencionais e que sugerem ao espectador uma elaboração ética de si mesmo – absolutamente necessária em nossos tempos (*grifo da autora* - p. 94)

Essas *imersões nas linguagens audiovisuais*, através do cinema, tem nos ajudado a cultivar a esperança na educação, a (re)pensar nossas práticas educativas e (re)educar o olhar aguçado, a escuta sensível, na perspectiva de uma educação ética e comprometida com a alegria e a rigorosidade de ensinar e aprender, pois “quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também” (FREIRE, 1998, p. 160).

### **3º Cine Freire – *Quando sinto que já [não] sei...***

Encerrando os encontros do Cine Freire, dentro das atividades previstas do Pré-Fórum, assistimos no dia 5 de maio de 2015 o documentário brasileiro “Quando sinto que já sei”, com produção e direção de Antônio Sagrado, Raul Perez e Anielle Guedes, lançado no Brasil em 2014.

O documentário relata a iniciativa de dez escolas brasileiras que, a partir de suas utopias, transformaram ideias em realidades! O documentário mostra diferentes experiências das escolas que abriram suas portas para a comunidade e (re)inventaram a organização física, curricular, político-pedagógica, rompendo com o ensino tradicional comumente conhecido e implementado nas escolas.

Para subsidiar os diálogos a partir do filme, trabalhamos com a 3ª Carta: “*De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvida por ele*” do livro: “Professora sim, tia Não!”. Decorrente das discussões provocadas pelo Cine e pelos escritos de Freire, percebemos que as experiências dessas dez escolas que são relatadas no documentário tomam como premissa a escuta sensível e atenta aos educandos, que também tem o direito de dizerem a sua palavra, serem ouvidos e respeitados na *inteireza* de seus *corpos conscientes* (FREIRE, 1987). Nessa relação recíproca e respeitosa entre educandos e educadores, se compreende que “é ouvindo o educando [...] que a professora democrática se prepara cada vez mais para ser ouvida pelo educando. Mas, ao aprender com o educando a falar com ele porque o ouviu, ensina o educando a ouvi-la também” (FREIRE, 2013, p. 87).

Momentos como estes de debate e confronto com possibilidades de *inéditos viáveis* (FREIRE, 1987) nos encorajam enquanto educadores, nos mostrando de que a mudança é difícil, mas é possível. Nesta perspectiva,

[...] acredito que o cinema e a educação possuem uma estreita relação pedagógica, pois nas narrativas vislumbramos experiências vivenciadas e reinventadas a partir dele. Deste lugar simbólico, emergem as significações, os sentimentos, as memórias do *ser humano singular*, que questiona o instituído e desenha seus próprios caminhos instituintes (FARENZENA, 2014, p. 144).

Dentre estes e outros motivos, é que apostamos na continuidade dos Cines Freire como uma possibilidade de redesenharmos nossos *próprios caminhos instituintes*, ou seja, nossos próprios *inéditos viáveis*.

### **Para não concluir... o 4º, 5º, 6º Cine Freire**

Passados alguns meses da realização do XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, o Grupo *Dialogus* reavaliou a possibilidade de continuar promovendo os Cines Freire, tendo como base a belíssima experiência que tivemos durante os encontros do Pré-Forum.

Assim, no dia 29 de setembro de 2015, realizamos o 4º Cine Freire com a exibição do filme iraniano: “O Jarro”, com direção de Ebrahim Foruzesh. Junto ao filme, foram problematizadas a 1ª, 5ª, 4ª e Último texto do livro: “Professora sim, tia não” de Paulo Freire,

cujos títulos são, respetivamente: “*Ensinar a aprender: leitura do mundo, leitura da palavra*”; “*Contexto concreto e contexto teórico*”; “*Identidade cultural e educação*” e “*Saber e crescer: tudo a ver*”.

O filme conta a história de uma escola que fica em uma pequena aldeia, onde o único jarro que serve de recipiente para as crianças beberem água, é quebrado. Por esse motivo, todas as crianças, para conseguirem beber água, precisam fazer uma longa caminhada até o rio. Frente a esta problemática o professor começa a mobilizar a comunidade muito pobre da aldeia para ajudá-lo a resolver o problema, envolvendo todos nessa tarefa. Com essa atitude o professor demonstra a força da mobilização coletiva e o importante papel do professor na esperança e na busca de uma situação um pouco menos desumanizante; esperança de ensinar e aprender juntos e a construir outros caminhos possíveis.

A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. Na verdade [...] a esperança não é algo a que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. [...] A esperança é um espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica (FREIRE, 1998, p. 80-81).

Movidos pela esperança em continuarmos reinventando Paulo Freire, a partir dos seus ensinamentos e do seu legado, buscamos reinventar nossas próprias pedagogias, nossas próprias formas de ensinar/aprender a “sermos docentes”, em busca da formação que é sempre permanente. Com esse intuito é que os próximos Cines Freire acontecerão, ainda, nos meses de outubro e novembro do ano de 2015, sendo realizados nos dias 27 de outubro, com a exibição e discussão do filme: “A língua das mariposas”, e no dia 24 de novembro, com o filme: “Mãos talentosas”. Como afirma Freire (1998):

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar (p. 163).

Por isso, fica aqui o convite para participarem conosco dos próximos encontros e sonharmos juntos, compartilhando sonhos, utopias e esperanças na educação que acreditamos, uma educação que seja pública, popular e de qualidade, educando a *genteidade* (HENZ, 2003) de homens e mulheres, que buscam humanizar-se uns com os outros e *ser mais* (FREIRE, 1987): mais felizes, mais humanos, mais gente.

## Referências

BLECKNER, Jeff. **Além da sala de aula**. [Drama-vídeo]. Direção de Jeff Bleckner. Estados Unidos da América, 2011. Duração 95 minutos. Som e imagem.

FARENZENA, Marilene Leal. As (re)invenções de si na tela da docência: experiências estéticas na formação docente. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes (org.). **Redes imaginárias e processos formativos: olhares ressignificados**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre a formação ética e estética. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009.

FORUZESH, Ebrahim. **O Jarro**. [Livre-vídeo]. Direção de Ebrahim Foruzesh. Montagem de Changiz Sayad. Irã, 1992. Duração 83 minutos. Som e imagem.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Coleção O mundo hoje, vol. 21. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Tolerância**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HENZ, Celso Ilgo. **Razão-emoção crítico-reflexiva: um desafio permanente na capacitação de professores**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KHAN, Aamir. **Como estrelas na Terra: toda criança é especial**. [Drama-vídeo]. Direção de Aamir Khan. Índia, 2007. Duração 165 minutos. Som e imagem.

SAGRADO, Antônio; PEREZ, Raul; GUEDES, Anielle. **Quando sinto que já sei**. [Documentário-vídeo]. Produção e direção de Antônio Sagrado, Raul Perez e Anielle Guedes. Brasil, 2014. Duração 78 minutos. Som e imagem.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo**. 3. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.